

## TODOS CONTRA O ESTADO

E' curioso constatar como, de há um tempo para cá, tantas afirmações se têm feito da parte de várias classes sociais, envolvendo uma aberta hostilidade ao Estado. As forças vivas são que se sabe, tendo levado o seu movimento até à completa rebeldia, e queixando-se contra a pressão do poder público, negando-lhe o direito de exigir impostos, além duma quantia que elas próprias entendam ser o comportável com as suas possibilidades. A propósito da interferência do Estado no Banco de Portugal, vai agora uma celeuma extraordinária, pondo-se abertamente a doutrina de que o Estado não tem o direito de fazer essa intervenção, contrariando a única liberdade de iniciativa privada.

Sobre este último caso, vinha ontem o *Diário de Notícias* atacando o Estado. Entre outras coisas diz que este não tem o direito de, sózinho, ter mais votos de que qualquer outro accionista.

Sem querer discutir o que será o Estado sózinho, quando o Estado é sózinho a gente, segundo as doutrinas jurídicas, não deixa de ser curioso acentuar esta corrente geral de animadversão contra o Estado. Contudo, queremos parecer que só nós é que temos o direito de nos revoltarmos contra o Estado, porque o não reconhecemos, e entendemos que ele não devia existir.

Não se entende que indivíduos que tanto se indignam com a propaganda das ideias libertárias e que a contrariam, opondo-nos a necessidade da organização política e autoritária das sociedades humanas, sejam os mesmos que, depois, se inscrevem, quando o Estado cobra impostos ou quando o Estado manda ou fiscaliza. Escusam estes elementos de atribuir a quaisquer predelecções dos últimos governos pelo operariado essa preocupação de intervir nos negócios das forças vivas para defender os interesses dos explorados, como se a aspiração dos operários fosse a dum Estado exercendo pressão contra a burguesia.

Não. O Estado foi sempre um sistema de opressão para defesa, não de sózinho a colectividade, mas duma minoria privilegiada que manda em nome dos outros. Ora isso não pode, de maneira nenhuma, satisfazer-nos. Mesmo um Estado em que só os trabalhadores tivessem voto, cujo governo se dissesse do Trabalho, não podia satisfazer-nos. Perante um tal Estado, o operário acabaria por não ser nada, sendo o Estado tudo. E o Estado seria sempre a minoria intelectual que dominasse, e os funcionários públicos, para todos os efeitos, uma oligarquia como qualquer outra.

Não seremos nós, que não aceitamos sequer o Estado bolchevista, que se organizou por impulso duma revolução operária, que teremos o direito de afirmar a nossa repulsa pelo Estado?

Não, senhores burgueses, a lógica manda que vós não-hostilizais a própria instituição que, mesmo quando simula uma proteção aos interesses gerais, não faz senão procurar perpetuar o poder das classes dominantes.

### 6º aniversário de "A Batalha"

Saudando o nosso jornal pelo seu 6º aniversário e fazendo votos pela sua prosperidade para que ele possa continuar defendendo o povo trabalhador e consumidor, recebemos dos nossos amigos Raúl Neves Dias, um dos fundadores de *A Batalha*, António Gonçalves Maruny, de Aljustrel, e Ernesto dos Santos Gonçalves Pereira, nosso dedicado correspondente na Guarda, palavras muito afectuosas.

O jornal *O Século* teve a gentileza de se referir à passagem do nosso aniversário, o que agradecemos.

Da Associação de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra do concelho de Almada, recebemos o seguinte carinhoso ofício que muito nos sensibilizou:

Preso camarada director de "A Batalha": Passando hoje o 6º aniversário do nosso jornal *A Batalha*, somos a enviar-lhes as nossas sinceras saudações por esse facto, desejando-lhe uma longa vida, cheia de prosperidades.

Mais saudamos todos quantos trabalham na sua confecção, e aqueles que tem dado o melhor do seu esforço para que *A Batalha* ocupe um lugar de destaque na imprensa portuguesa, com as mais justificadas simpatias no meio trabalhador e intelectual.

A todos pois as nossas sinceras saudações sindicalistas revolucionárias.—Pela direcção, o 1º secretário, António Fernando Júnior

# A BATALHA



DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 191

## A ELEVAÇÃO MORAL DO OPERARIADO

Desde que o operariado pelas resoluções dos congressos nacionais se apercebeu que do seu aperfeiçoamento mental muito se elevaria a sua personalidade, logo daí surgiu a conveniência de renovar-se o movimento de educação moral — se a expressão não é imprópria — e por uma nova vida de beleza e elevação mental é marcar exuberante a sua condição.

Os velhos processos com as festas associativas prodigalizaram ao operariado uma ambição de fôlego, começaram a ser banidos dos seus costumes e ele enveredou por uma vereda que a sua situação exigia.

Iniciaram-se palestras educativas, algumas audições musicais, festivais com um cunho acentuadamente artístico e uma vida nova aureolada de beleza atraiu aos organismos operários ou outros locais uma multidão selecta ávida de sensações novas, ambições de beleza e finura.

O maior valor revolucionário deste novo estado proporcionou uma melhor ambiente valorizando o operariado não só como classe, mas, e sobretudo, como elemento de respeitável envergadura neste turbilhão de ambições.

Alguns fenômenos que a guerra nos trouxe vulneraram esse movimento de aperfeiçoamento, provocando uma crise grande em que um novo estado de alma, infelizmente de confrangedor pobreza, varreu aquela preocupação de tão benéficos resultados.

Salvou-se apenas aquela élite já preparada, que foi procurar outros lugares o leitivo para os seus prazeres espirituais, afinal a sua sensibilidade, grosseiramente amarranhada pelo peso brutal do ambiente da oficina. E assim os vamos encontrar nas várias sessões de arte, nos concertos musicais, especialmente nos concertos sinfónicos existentes nos dois teatros de Lisboa.

Enquanto isto se constata, o que vemos pelos vários sindicatos operários, quer nas simples festas de aniversário, quer na quadra carnavalesca que passou?

A organização de festas com programas em que a beleza, a estética, os bons costumes são brutalmente substituídos pela exteriorização da miséria moral que os tipos criados originam. A canção nacional, a dança, as cegadas, a representação de várias peças sem elevação moral nem valor artístico, tudo isso vergonhosamente passa pelo ecrã sindical, numa inconsciência queasma.

Não queremos discutir que o fado, nos vários aspectos, a dança, nas várias modalidades sejam repudiados pelo operariado! O que afirmamos, é que se esses divertimentos estão no sentimento (?) operário elas devem ser exhibidos fora do ambiente sindical, porque, em vigorosa verdade, elas em nada contribuem para o aperfeiçoamento da mentalidade operária.

Não usamos também cerrar-nos nesse pesado materialismo da luta no terreno económico, onde o operário apenas existe combatendo pelas suas reivindicações. Entendemos que deve prodigalizar-se a necessária cultura, mas, por festas de arte, onde uma rajada de beleza lhe afine a sensibilidade e desenvolva o gosto pelo que de mais elevado possuir a arte.

Quando tal conseguirmos a mentalidade do operário não traduzirá crumente o peso do ambiente da oficina, laivado do materialismo e grosseiro de sensibilidade.

E só assim o sindicato se erguerá ao nível moral da sua condição social, propulsora dum vida de beleza e plena dumapura de princípio de perfeição humana.

Este movimento de inteligência tem que ser conduzido por todos os militantes operários a quem o problema da educação merece um estudo especial, movimento que deve ser iniciado desviando do ângulo sindical tudo quanto não esteja integrado na sua elevação moral.

## O Carnaval e a brutalidade

O Carnaval que passou serviu à maravilha para muito brutinhar dar livre expansão aos seus brutais extintos. Houve mulhers, e em grande número, que foram fortemente magoadas e agredidas com essas descomunais colheres de pau, que muitos dos chamados foliões exibiram. Algumas delas ripostaram, com energia, às agressões, no que fizeram muitíssimo bem.

Tinham sido este ano proibidas as bisnagas de água que pelas suas grandes dimensões, encharcavam completamente as vítimas dessa estupida brincadeira. Permitiram-se apenas as bisnagas de etar mas logo a selvajaria carnavalesca descobriu que atingindo aquele líquido os olhos causavam grande ardor. E de preferência os portadores dessas bisnagas alvejavam os olhos de toda a gente. Os vendedores chegavam a anunciar a venda das mais pequenas, insinuando que elas causariam maior dôr às pessoas atingidas.

São estas brutalidades e outras de igual teor que caracterizam o detestável entrudo que há dias finalizou.

## UM ABUSO

Já temos aludido ao caso, e hoje voltamos a tocar no assunto, porque a dignidade e o brio da organização operária o requerem.

Trata-se dumas subscrições que alguns indivíduos andam fazendo pelas casas comerciais, em nome do Sindicato Único de Construção Civil, a favor dos desempregados.

Alguns comerciantes, julgando que, de facto, as subscrições são promovidas pelo Sindicato, têm por mais duma vez dado várias quantias.

O sindicato repudia, pois, a atitude desses indivíduos, que não conhecem, e que andam desacreditando a organização, sem ao menos servir a grande massa de desempregados.

A todos pois as nossas sinceras saudações sindicalistas revolucionárias.—Pela direcção, o 1º secretário, António Fernando Júnior

## Um silêncio intranquilisador!

A União dos Interesses Económicos continua preparando a eclosão da ditadura!

Fez-se ultimamente silêncio sobre o crime planeado pelas «fôrças vivas». Esse silêncio não significa que elas tivessem desistido da ditadura que pretendem, violentamente, implantar em todo o país. Esse silêncio não é a tranquilidade e nada admiraria que ele não fosse precursor de graves acontecimentos.

As «fôrças vivas» continuam preparando o golpe com que esperam colher de surpresa a população e manietá-la. O operariado não deve, portanto, esquecer-se de que o inimigo está à espreita, vigilante, aguardando a hora propícia para a realização do seu negregado plano. Ele confia que o dinheiro tudo vence, e o dinheiro, arrancado à exploração dos produtores e à miséria dos produtores, tem girado, e vencido até alguns dos obstáculos que se erguiam no seu caminho.

As «fôrças vivas» não esmorecem, nem desistem. Estão habituadas a despresar o cérebro universal de imprecavações que de todos os lados se tem erguido contra a sua obra de ódio. Tem continuado com os mesmos processos criminosos de comerciar; tem feito subir, apesar da desida cambial, o preço daqueles géneros que ninguém pode deixar de consumir. Isso prova também que elas estão dispostas a roubar a população, mau grado todas as manifestações, mau grado todos os protestos que se têm feito. E é conveniente não esquecer que a ditadura das «fôrças vivas» visa a amarrar de pés e mãos o povo, para que ele se submeta, sem um protesto, a todas as suas explorações e latrocínios. Que todos os trabalhadores se não esqueçam que, nesta hora em que as nossas liberdades e regalias correm risco, o mais pequeno descuido pode assegurar o triunfo às aspirações ditatoriais das «fôrças vivas».

E' necessário que todos estejam preparados para responder à agressão que se prepara.

Que ninguém abandone o seu posto!

## UMA DITADURA QUE FRACASSA

Passou ontem no Tejo, no barco alemão «Antônio Delfino», o sr. Arturo Alessandro que volta ao Chile a fim de ocupar o seu lugar de presidente daquela república sul-americana, que uma «primoriverada» de mao gôsto dominara durante curtos meses.

Entrevistado por vários jornais da tarde, o sr. Arturo Alessandro fez algumas declarações interessantes.

Referindo-se à ditadura militar, chefiada pelo general Altamirano, diz que ela fracassou porque o povo daquela república soube sacudir com energia o jugo que lhe impunham.

Parte do exército, a constituída pelos jovens oficiais, colaborou no movimento contra a ditadura. Uma vez triunfante a revolução contra o general Altamirano, foi o sr.

Arturo Alessandro chamado a retomar o seu posto, motivo porque ontem passou no Tejo a bordo do barco alemão.

Perante mais este fracasso duma ditadura,

haverá em Portugal quem ainda acalente a esperança de nos salvar pela ditadura?

Alguns jornais estrangeiros que se referem ao golpe de estado chileno dizem que no Outono passado já se dera um movimento militar que derribou o governo constitucional que lutava contra o capital estrangeiro e desde então todo o poder passou para os militares.

Sendo tido o proletário chileno como o elemento mais activo na vida política do país, o governo militar, ao começo, não atentou contra a liberdade da palavra, da imprensa e de reunião das organizações proletárias e chegou até a afirmar publicamente, repetidas vezes, que defenderia, por todos os meios, os interesses dos trabalhadores.

Effectivamente, ao princípio, todas as organizações operárias poderiam trabalhar aberta e livremente.

No entanto este regime não demorou muito tempo. Poucos dias depois o Director amordilhou a imprensa operária, prendeu os seus redactores, proibindo todas as reuniões e encetando uma época de terror militar.

Nos fins de Janeiro o «leader» operário Recabarre foi assassinado.

Algum tempo depois o partido liberal negocia com o capital estrangeiro e conseguiu restabelecer o poder do governo constitucional burguês que fôra escorraçado pelos fascistas. E' por isso que Alessandro volta para a presidência. Mas também não há dúvida alguma de que a burguesia chilena ao recuperar o poder deu o máximo do abuso e da desconsideração pelo povo desta cidade.

Não podemos também deixar de exalar aqui o nosso protesto.

## CONFERÊNCIAS

### "O momento que passa"

Na sede do Sindicato dos Manipuladores de Pão, rua Caetano Palha, 18, 1º, realiza no próximo domingo, às 18 horas, uma conferência subordinada ao tema "O momento que passa", o dr. sr. Ramada Curto.

### "Arte portuguesa"

O professor dr. sr. João do Couto realiza hoje, pelas 21 horas, a segunda conferência sobre "Arte portuguesa", na Universidade Portuguesa, acompanhada de projeções lumínicas. A seguir haverá sessão cinematográfica. A entrada é pública.

Lede o Suplemento de A BATALHA

## OS MORTOS DA CIDADE

### Um número terrível

Tem um grande significado o avultado número de nado-mortos em Lisboa

Na sessão de ontem da comissão executiva da Câmara Municipal o dr. sr. Alfredo Guizado deu conhecimento dos seguintes dados estatísticos respeitantes aos óbitos ocorridos em 1924 em confronto com os do ano anterior:

Total de óbitos em 1923: 13.804, sendo 7.482 do sexo masculino e 6.322 do sexo feminino; em 1924: 13.503, sendo 7.308 do sexo masculino e 6.195 do sexo feminino.

Tuberculose pulmonar, 1924 em 1923, sendo 1.131 do sexo masculino e 856 do sexo feminino e em 1924, 1.084, 850 do sexo masculino e 729 do sexo feminino, havendo uma diferença para mais neste ano de uma pessoa.

Enterite, 967 em 1923 sendo 501 do sexo masculino e 466 do sexo feminino e em 1924, 1.053 sendo 534 do sexo masculino e 519 do sexo feminino, havendo uma diferença para mais de 86.

Nada-mortos, 922 em 1923 sendo 540 de sexo masculino e 362 de sexo feminino e em 1924, 1.050 sendo 573 do sexo masculino e 477 do sexo feminino havendo uma diferença para mais neste ano de 128.

Regista-se portanto uma diferença de 301 mortos para menos em 1924 sobre o total dos óbitos em 1923, o que é relativamente pouco importante.

Há, porém, um número que tem um terível significado: o dos nado-mortos.

O número de crianças, que não chegam a ver a luz do dia, atingiu proporções assustadoras. Ultrapassou 50 %, sobre o número de mortos de tuberculose, o número de mortos de nado-mortos.

Regista-se portanto uma diferença de 301 mortos para menos em 1924 sobre o total dos óbitos em 1923, o que é relativamente pouco importante.

Isto significa apenas que é impossível obter uma mocidade sadiça dum povo que é dia de envenenado pelas «fôrças vivas».

Que admiração pode causar esse horroso aspecto da procriação, numa cidade em que se come bacalhau pôdré, legumes pôdré, pão de lixo e outras mixórdias mais? — numa cidade em que metade da população vive na miséria porque não lhe trazem condignamente o seu trabalho?

isto significa apenas que é impossível obter uma mocidade sadiça dum povo que é dia de envenenado pelas «fôrças vivas».

# A CANALHA

Muitas vezes ao descermos o Chiado ou virarmos à esquina da rua do Ouro, vemos alguém a nosso lado pronunciando:

— Esta canalha!

Olhamos em volta de nós e vemos quejofoi um sujeito de luva branca, e de porte digno, uma dama envolta em sedas e perfumes, com os dedos repletos de diamantes, um velho militar, ou um respeitável cura, quem pronunciou estas palavras.

Continuamos examinando o que nos cerca para ver se descobrimos a quem aquelas palavras foram dirigidas, mas por muito que investiguemos, não chegamos a descobrir quem irritou a tal ponto o sujeito de luva branca, a dama perfumada, o militar ou o clérigo.

Quem será a canalha? Todo aquele que ouvir esta palavra! canalha! ficará um tanto ou quanto perplexo e naturalmente a sua imaginação far-lhe-á entrever, imediatamente, entes sordidos dormindo nos bancos da Avenida, seres fantásticos repletos de androjos esmolando aos cantos das ruas...

Mas como pode ser que a canalha seja formada por esta gente tão pobre e tão resignada? Deve ser enganado os que dormem nos bancos da Avenida não sabem opimir o seu semelhante; os que deliram de fome em frente das vitrines dos restaurantes, os que andam quase nus, não sabem roubar. E no entanto é aos miseráveis, aos párias, aos andrajosos, que elas chamam a canalha!

E durante esse tempo os vampiros nacionais, os assambacadores e envenenadores, os políticos e os assassinos, os ladrões e os cínicos, os bandiços e os opressores, os comerciantes e os industriais, os opulentos e os fanáticos, os parasitas e os imitantes, passam por pessoas respeitáveis e honestas, sinceras e filantrópicas. Quanto a nós, nunca tropeçámos em nenhum assambacador dormindo nos bancos da Avenida, nunca reconhecemos num mendigo um comerciante ou um industrial, nunca vimos milionário ou deputado à porta dum quartel esperando as sobras do rancho.

No entanto, eis a grande, a verdadeira canalha!

A canalha veste de séda, tem automóvel para ir ao teatro, tem palácios e ouro aos montes em sua casa. A canalha encontra-se nas casas de prazer e nos clubs e leva como pergaminhos as notas de Banco e como escudo o ouro que a cobre. Tódas as portas se abrem e todos se curvam à sua passagem.

A canalha nunca esteve na prisão, a canalha nunca passa fome, pela fôrça pública, nunca esteve presa longos meses sem emprego.

A canalha é o mercereiro que ganha 100% nos gêneros que vende, e o patrão que rouba o empregado e intrujo o produtor, a empresa jornalística que vende a sua consciência e o seu cérebro por um punhado de libras, o comerciante e o industrial que envenenam os seus semelhantes com os seus produtos falsificados.

Os pobres, os vencidos, os que morrem de fome, os que dormem debaixo dos pendentes, esses não são canalhas, são mártires!

## Um cão fusilado par se supor que estava raioso

Aparecem ontem de manhã na Avenida da Liberdade um cão que, tendo-se julgado estar atacado de raiva, foi perseguido por muitos polícias das esquadras da Praça da Alegria e do Teatro Nacional e por civis. Tendo-se o animal refugiado num dos taboleiros de relva da Praça dos Restauradores, resolvem os polícias cercá-lo, impedindo os civis de se aproximarem.

A's 13 horas foi dada ordem do governo civil para abater o cão a tiros de revolver, rompendo os silhantes em acesa fuzilaria contra o bicho que sucumbiu ao número. O cadáver do cão foi para o Instituto Bacteriológico.

## Por causa duma cigana

### Um homem ferido a tiro

Em Santarém, na rua de São Lazar, 3, reside o cortador Lúcio Emílio, de 43 anos, natural daquela cidade. Há tempos enamorou-se de uma cigana, o que foi aos ouvidos de Milivo Gigano, que não tendo levado o caso a bem, procurou o Lúcio, vindo encontrá-lo ante-ontem numa taberna de Francisco Baptista, na rua de São Lazar. Entrando ali o ciganos disparou três tiros de pistola contra o cortador, indo um deles atingi-lo nas costas. Prés o agressor, foi o ferido transportado ao hospital de Santarém, onde foi pensado, vindo ontem para Lisboa, e dando entrada no hospital de São José, onde foi, no Banco, observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo a casa, depois de devidamente pensado.

## Rendimentos dos operários

Num auto da Cruz Vermelha foi conduzido ao hospital de São José, onde recolhem à sala de observações, António Pedro, 39 anos, de Lisboa, condutor de carros, rua Arco do Carvalhinho, Casal do Filipe, que na estrada das Laranjeiras caiu da carroça de que era condutor, fracturando a perna esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

Num auto da Cruz Vermelha foi conduzido ao hospital de São José, onde recolhem à sala de observações, António Pedro, 39 anos, de Lisboa, condutor de carros, rua Arco do Carvalhinho, Casal do Filipe, que na estrada das Laranjeiras caiu da carroça de que era condutor, fracturando a perna esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

— No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padeiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

## Agenda de A BATALHA

## CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,30
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,45
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	1	8	15	22	— Q. dia 8 às 9,10
S.	2	9	16	23	L. C. dia 9,10
T.	3	10	17	24	M. dia 9,10

## MARES DE HOJE

Praiamar às 5,49 e às 6,07

Baixamar às 11,19 e às 11,37

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 50 dias de vista	95,00	95,50
London, cheque	102,00	102,00
Paris	12,67	12,68
Suica	2,85	2,85
Bélgica	2,85	2,85
Itália	2,85	2,85
Holanda	2,85	2,85
Madrid	2,85	2,85
New-York	20,80	20,80
Brasil	2,85	2,85
Noruega	2,85	2,85
Stocnia	2,85	2,85
Dinamarca	2,85	2,85
Praga	2,85	2,85
Euguas Aires	2,85	2,85
Viena (1000 coroas)	2,85	2,85
Rentmarcas onro	2,85	2,85
Agio do ouro	2,85	2,85
Liras euro	100,00	112,50

## ESPECTÁCULOS

## TEATROS

Estáis — A's 21 — Concerto pelo Orfeon Donos-tierra de San Sebastián.  
Nacional — A's 20,30 — Inglês...  
Tríptico — A's 20 — Outro cui... e Vem cá não temos medo.  
Trinidad — A's 21,15 — O País dos Sinos.  
Lipó — A's 21,15 — Mola Real.  
Eden — A's 21,30 — A semana dos 9 dias.  
Erenó — A's 21,15 — Susia.  
Juventina — A's 21,30 — Irmãs.  
Maria Vitoria — A's 20,30... e 22,30 — Res-Vés.  
Sofá Toy — A's 20,30 — Variadas.  
O Vidente (a Graca) — A's 20 — Animatógrafo.  
Erenó Parque — Todas as noites — Concertos e discursos.

## CINEMAS

Olimpia — Chiado Terrasse — Salão Central — Cinema Condes — Salão Ideal — Salão — Lisboa — Sociedade Promotora de Educação Popular — Cine Páris — Cine Esperança — Chantecier — Tivoli — Tortoise — Gil Vicente.  
LOTARIA  
Números mais premiados no jogo de azar legalizado que ontem se efectuou:

5173.	300.000\$00	4767.	2.000\$00
1550.	50.000\$00	5152.	"
8634..	15.000\$00	5625.	"
1032..	2.000\$00	7911.	"
1062..	"	8808.	"
3145..	"	9307.	"
3568..	"	"	"

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Na Estação Central dos Correios as últimas tiragens de correspondências para estes paquetes são: para os registos até 11 horas e das ordinárias até às 13 horas, excepto "Kohn", que a última tiragem é às 10 horas.

Também pelo paquete "S. Miguel" se expedem malas de correio para as ilhas da Madeira e Açores. No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

## Aos marceneiros

Madeiras sócas serradas, óptimas dimensões. Preço sem competidor.

Vendem-se: castanho, freixo e nogueira.

Azinhaga da Torrinha, ao Régo.

## Policlinica da Rua do Jardim do Tabaco, 90

Dr. Alberto Gomes, Cirurgião dos Hospitais — Operações, 3 horas.

Dr. Alfredo de Fonseca, Assist. da Fac. de Med.

Doenças dos olhos, as 2 horas.

Dr. Jiménez de Meneses, Ass. da Soc. Heleno-Henry e Bertrand — Dermatologia (Doenças da pele em crianças e adultos). Tuberculose dos ossos). Fisioterapia (Electricidade, massagem, luz, etc), as 5 horas.

Dr. Barroso Camacho, Assist. da Fac. de Med. — Clínica geral, Doenças nervosas, as 3 horas.

Dr. Casado de Almeida, Ass. da Fac. de Med. — Exames de sangue, doenças de Berlim — Medicina geral.

Doenças do estômago, intestinos e fígado. Endoscopia, histeroscopia, as 2 horas.

Dr. Eufreymo Teixeira, Ass. da Fac. de Med. — Doenças das senhoras, as 1 hora.

Dr. Francisco Martins, Ass. Livre da Fac. de Med. — Doenças das crianças, as 3 horas.

Dr. Horacio Cunha, Ass. do Prof. Jadassohn em Breves — Doenças da pele e sifilis, as 2 horas.

Dr. Morales Daniel, Ass. da Fac. de Med. — Coração, pulmões. Clínica geral, as 4 horas.

Dr. Renato Ribeiro, Monitor do Hosp. Necker em Paris — Doenças dos rins e vias urinárias, as 4 horas.

Prof. March Athias, da Fac. de Med.

Dr. Helena Lelado, Chefe de Lab., Analises clínicas.

Dr. Benito Guedes, Director de Radiologia no Hosp. Escolar — Raio X. Rádio.

Malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

No Cais de Santos recebe-se correspondências até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

As malas postais

Pelo paquete "Aguilas" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Palmas e por via do Puchal para a África Austral e África Oriental; pelo paquete "Dinis", para o Para e Manaus; pelo paquete "Minho", para Cabo Verde, Bissau e Bolama e pelo "Kohn", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

# A BATALHA

## Educação profissional

Falar de educação profissional quando um sopro de mediocres vivos obliterou as faculdades dos nossos contemporâneos é arrastar com o desdém dos espíritos sépticos e propensos às leituras emotivas.

Resistamos todavia a essa onda avassaladora e iniciemos a análise ao problema que tanta gravidade oferece.

Podemos considerar como primeiro factor do estado de insuficiência mental e profissional do operariado as condições morais que ele hoje vive nas oficinas. Não se pode, francamente, perante a promiscuidade das mesmas onde moureja exigir-lhe uma maior capacidade profissional, quando esses centros de cultura (?) oferecem um espetáculo verdadeiramente confrangedor a todos que se interessam por estas questões profissionais a que a elevação moral e profissional do operariado está ligada.

O operariado saído desse turbilhão que é a existência da classe operária, desprovido de capacidade mental, sem uma réstea de cultura é lançado para as oficinas em procura de alguns escudos com que equilibrar a receita semanal do lar a que pertence.

Caído brutalmente na vida oficial, ainda em criança, o seu débil cérebro mantém-se numa permanente luta entre o dever de produzir e a necessidade de fazer-se homem digno do seu tempo. Mas quantas vezes é repelido, quando vezes luta esforçadamente para não fenercerem todas as suas energias pelas condições repulsivas que os aspectos da oficina oferecem.

A sua sensibilidade, que ali podia afinar-se, que ali podia encontrar o maior propulsor, é infelizmente negada pela grossaria nos processos de trabalho, pela degradação das suas condições morais, pela vertigem da sua própria vida.

Ali não existe o gosto pelo trabalho, a finura de processos que lhe provoque uma mentalidade subtil plena de beleza e magestade.

O Trabalho, esse canto sublime tão elevado na Vida, só é vivido vegetativamente, e pela multidão a quem a sua capacidade moral ainda consegue vencer o peso da oficina.

Só quem viveu a oficina pode ajuizar das condições degradantes da existência operária, especialmente nos grandes centros.

Só quem não viveu o íntimo da vida desses centros de trabalho desconhece a promiscuidade aviltante que embrutece o operário e desenvolve todas as taras mórbidas que a ancestralidade lhe legou.

Centenas e centenas de oficinas oferecem um perigo constante à existência dos trabalhadores desprovidos de capacidade, sem ventilação, sem luz, sem as mais rudimentares noções de higiene são o factor da sua débil carneira moral e profissional.

Quantos mafiosas essas oficinas provocam, às vezes, em trabalhos bastantes delicados?

Quantos raquíticos se fabricam pelo rudimento dos processos de fabrico e da grossaria dos instrumentos de trabalho?

Quantas enfermidades geradas na promiscuidade das oficinas, nas refeiras, nos lugares onde se encontra a água que devem ingerir, cujos recipientes são uns verdadeiros focos de infecção?

E todavia esses artefactos que embelezam os salões, que guarnecem os lares mantêm ainda um sério equilíbrio estético devido a um poder grande de intuição de que o nosso operariado é possuidor.

Há, pois, caro leitor, uma revolução profunda a operar nas oficinas, quantos às condições que vamos falar e que tanto influem na educação do operariado.

Esta também tem que estruturalmente ser modificada, criando-se uma ambicção profissional que desenvolva as suas facilidades artísticas.

Para isso é mister criar-se aulas de educação, e reivindicar do patronato condições melhores para o aprendizado, deixando este ser aprendiz de carga para se integrar no bom gosto pelo trabalho e nos necessários conhecimentos industriais que o adestrem para a profissão que escolheu e que o deve atrair e não repelir.

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

### Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa

Para efeito de colocação, são convidados todos os operários inscritos sem trabalho a comparecer hoje na sede do sindicato, pelas 16 horas.

### A baixa de salários e o custo da vida em Benavila

BENAVILA, 25.—Os gêneros de primeira necessidade que baixaram uns centavos há uns tempos, voltaram a subir como a farinha e o azeite.

Os salários, que eram de 10\$00, baixaram para 8\$00 e 7\$00 logo que essa insignificante baixa se verificou no preço dos gêneros.

E os senhores lavradores, que tam apresentados em reduzir os salários nessa altura, procederão agora com a mesma celeridade ao aumento dos mesmos salários?—C.

### Construção civil de Sintra

SINTRA, 25.—De nada serve um edital fixado há tempos pela câmara, sobre a limpeza de prédios.

Os proprietários preferem pagar a multa de 10\$00 a fazerem as necessárias limpezas e reparações.

Entretanto continua a verificar-se a crise de trabalho na indústria da construção civil.—C.

### Uma sessão de protesto no Sindicato Rural de Cano

CANO, 24.—Com grande concorrência reuniram ontem no respectivo sindicato os rurais desta localidade para apreciarem a crise de trabalho e baixa de salários.

Presidente António Jacinto Dias, tendo secretariado Francisco Mendes Raposo e João da Silva Bonzinho.

O presidente, em breves palavras, referiu-se as causas determinantes da crise de trabalho, combatendo igualmente a indiferença de alguns trabalhadores perante o momento que passa, de excepcional gravidade.

Francisco Mendes Raposo, o primeiro orador, critica a incompreensão da juventude sindicalista ante o problema sindical, pois a mocidade trabalhadora desta localidade não empresta à organização sindical o esforço indispensável ao seu engrandecimento.

João da Silva Bonzinho combate o alcoolismo, causa da degenerescência da espécie.

Ataca o catolicismo pelo embrutecimento que provoca na multidão ignara, terminando com um vibrante apelo todos os trabalhadores para que se unam em volta do sindicato.

António Carrilho tem palavras de dura reprovação para os actos que envergonham a causa dos trabalhadores, infelizmente ainda praticados por alguns operários desprovidos ainda do sentimento de responsabilidade.

Aprecia a crise de trabalho, reportando-se as razões especiais que a determinaram.

Descreve, em frases sentimentais, a miséria que invade já muitos lares cujos cheques há longas semanas não têm onde ganhar as jornas. Todavia, parecendo viver-se no melhor dos mundos, um brado de revolta ainda não ecoou de maneira a fazer aperceber o patronato e as autoridades da gravidade da situação.

Joaquim A. Romão, dos rurais de Frontera, borda largas considerações sobre a crise de trabalho e a situação do operariado.

Refere-se à grandiosa manifestação de Lisboa, exaltando o seu significado moral. Termina fazendo uma interessante exposição sobre os deveres do operariado perante o terrível flagelo que é a crise de trabalho, sendo no final muito aplaudido.

A sessão foi encerrada aos vivas à C. G. T. e revolução social.—E.

### FUNCIONALISMO MUNICIPAL

### A organização de serviços

Há dias, na Câmara Municipal de Lisboa,

quando se discutiu a organização dos respetivos serviços, sustentou um vereador, criteriosamente, que essa discussão não se devia fazer, sem que os tribunais se pronunciassem sobre o recurso movido pelo funcionalismo municipal contra a suspensão, por parte da mesma edilidade, de uma organização de serviços que foi aprovada pela anterior vereação do município.

Objectou outro vereador que essa discussão podia fazer-se, visto os funcionários terem perdido o seu recurso.

Colheu esta afirmativa, infelizmente, e a discussão não se interrompeu o que sobre-saltou os funcionários da câmara.

Sucedeu, porém, que a afirmativa a que nos reportámos, era absolutamente infundada, pois, no tribunal da Relação de Lisboa, obteve no sábado o recurso dos funcionários municipais uma sentença inteiramente favorável.

Esperam estes, agora, com razão, em face da sentença que o seu recurso obteve, que a actual vereação suspenda a discussão da organização de serviços que está discutindo, e que de inteiro cumprimento, como é de justiça e manda a sentença a que nos referimos, à organização que indevidamente suspendeu.

Vamos a ver o que tudo isto dá.

### O SINDICALISMO EM MARCHA

### Empregados no Comércio de Sintra

SINTRA, 25.—Continuam com entusiasmo os trabalhos para a organização do sindicato dos Empregados no Comércio.

A classe espera conseguir o estabelecimento das regalias que nas outras localidades e em outras classes já existem, como o descanso dominical e o horário de trabalho.

Na última sessão foram nomeadas comissões de vigilância para as áreas de São Pedro e Estefânia.

Brevemente reunirão a assembleia magna dos Empregados no Comércio para discutir os estatutos. — E.

### PÁGINAS ALHEIAS

## Legislação do trabalho

por PEDRO ESTEVE

Não obstante o facto de que a lei nunca protegeu a classe trabalhadora existem ainda muitos operários que dela esperam melhoria e salvação. Eles esquecem-se de ver que as leis foram e serão sempre uma limitação às actividades humanas, que elas só foram feitas e postas em execução quando as massas por meio dos seus esforços tinham obtido mais do que a lei lhes preste garantir.

Tomemos, por exemplo, a lei das greves que presentemente se implantou em vários lugares.

A greve foi outrora uma arma ofensiva de que podíamos fazer uso à nossa vontade. Naquela tempo os capitalistas, não saídos com a pobreza e com as trações no campo dos grevistas, tinham por seu lado o governo, que, em nome da "liberdade de trabalho", o inalienável direito de todos os homens ao trabalho, como Jack London o expôs no *Scab*, e da veneração do direito de propriedade, fazia uso da polícia e da magistratura para prender os mais inteligentes e decididos sustentáculos das greves.

Perceberam então os capitalistas que aqueles impedimentos juntos com mil outros acidentais a cada greve, eram deuses insuficientes, porque, a despeito deles, os trabalhadores conseguiram obter as suas reparações. Consequentemente, foram decretadas as leis de greve.

E se há algumas leis que favorecem o trabalhador, elas nunca foram promulgadas voluntariamente pelas autoridades. E' por seus próprios esforços e não por prescrições legais que muitos trabalhadores gosam de 8 horas.

Sómente nos lugares onde os sindicatos são bastante fortes para se poderem impôr é que as mulheres são contratadas como os homens, e não é permitido às crianças entrarem nas fábricas antes do tempo marcado.

Em toda a parte onde os sindicatos são fracos as mulheres são exploradas pior do que os homens e fazem-nas trabalhar nas piores condições sem se importarem com as leis protectoras. E quando de crianças se trata os "cidadãos defensores da lei" bombam, não de uma mas de duas leis; permitem que rapazes e raparigas fujam da escola e fecham-nas nas cavernas munificáreas, onde elas depressa morrem, para nada dizer da sua exploração.

E a lei dos acidentes de trabalho, quantos esforços não tem custado constantemente às Uniões de ofício obter a sua aplicação?

Se fosse possível melhorarmos as nossas condições, e sairmos desto antro de miséria por meio de leis, não haveria razão de se querer a sua aprovação. E' por isso que as mulheres são contratadas como os homens, e não é permitido às crianças entrar nas fábricas antes do tempo marcado.

O mesmo aconteceu com a lei da convocação de comícios. Esta obriga os trabalhadores a notificarem onde, como e quando as autoridades possam enviar os seus representantes para deterem os oradores, se lhes agradar, ou dissolverem o comício, se isso lhes der na cabeça.

As leis de educação proibem-nos fundar escolas com programas em desacordo com os das escolas oficiais.

As leis postais proíbem-nos enviar a correspondência por uma outra via que não seja a governamental. Isto permite a autoridades violar a correspondência particular. De modo que legalizados ficam sujeitos a tais restrições que o governo—e o governo procede sempre conforme a vontade dos capitalistas—pode dissolvê-las e pôr em qualquer momento um fim às suas actividades.

O mesmo aconteceu com a lei da convocação de comícios. Esta obriga os trabalhadores a notificarem onde, como e quando as autoridades possam enviar os seus representantes para deterem os oradores, se lhes agradar, ou dissolverem o comício, se isso lhes der na cabeça.

Porque fazer as leis outra coisa seria contrariar-se e destruir-se, e a destruição própria é anormal.

Pouco importa que a água de chuva seja limpa, porque desde o momento que caiu no chão corrompe-se. Iludem-se os que julgam poder transformar em arma de emancipação um instrumento que foi criado de propósito para a opressão.

O absolutismo e o feudalismo só desapareceram perante os fúriosos ataques dos servos, lutando como revolucionários.

O constitucionalismo e o capitalismo só serão destruídos pelo impeto revolucionário do Exército dos Escravos do salário.

Os trabalhadores, homens e mulheres, devem empregar todas as suas energias em aprender a fazer uso deste gigantesco poder. Nós temos o poder na nossa mão, porque a sociedade é sustentada pelo nosso trabalho sem o qual ela não pode subsistir por muito tempo. Precisamos saber como faremos uso desse poder e como o dirigir. Aprendamos.

As leis foram, são e serão sempre a limitação do direito, nunca a sua garantia. Não pode ser de outra forma, porque legislar é fixar regras a que todos ficam sujeitos (ou seja quais se supõe que ficam) e todo aquele que está sujeito não é livre. Por meio de aplicações das leis nós descobrimos os que e os que não são livres.

Há também leis que servem unicamente como engodo para apanhar os incertos. São as chamadas "leis de proteção".

As leis são todos aqueles que espontaneamente se submetem à vontade de outro, que servem ou estão dispostos a servir as pessoas poderosas ou outras de quem esperam proteção ou honras; são os homens que, hábitos para as coisas úteis à vida, não carecem do necessário para viver e tendo até suficientes meios de subsistência, servem os poderosos porque julgam honroso servirlos. Servis são os que se prestam voluntariamente com a sua força física ou com outros meios a vencer ou reprimir as pessoas que se supõe serem rebeldes ou contrárias à vontade de um senhor, embora momentaneamente. Servis são os que se opõem a toda a manifestação de sentimentos independentes ou livres, quer o façam por palavras quer por escritos. Servis são também aqueles que desejam que sob um governo todas as pessoas de qualquer condição e de qualquer classe adorem os governantes, apremem sempre os seus actos, e à maneira de rebanhos sejam tratados como seres inferiores e como ao dono mais agrado.

O servilismo encontra-se na classe operária, na classe média e na aristocrática, de diversas formas e maneiras, e manifesta-se com freqüência fazendo-se instrumento de quem está de cima e com a opressão dos espíritos livres, dos caracteres independentes. Nas tiranias o fenômeno tem ocasião de manifestar-se amplamente: ministros, espíritos dos tiranos, multiplicam-se e multiplicam-se portanto as perseguições.

Sem os servis não haveria instrumentos de tirania.

O servilismo é um desses casos em que um numeroso grupo de ambiciosos leva à sua frente uma direcção que teima em prodigalizar a concessão do fruto de todos os benefícios acumulados por uma multidão de sacrificados e sempre com prejuízo do esforço do braço que o produziu.

Não há o direito de dispor "ad hoc" da bagatela de algumas centenas de milhares de escudos, sem considerar devidamente os esforços de todos os que trabalharam para os refinir.

E' este um díssimo caso em que um numeroso grupo de ambiciosos leva à sua frente uma direcção que teima em prodigalizar a concessão do fruto de todos os benefícios acumulados por uma multidão de sacrificados e sempre com prejuízo do esforço do braço que o produziu.

Na Batalha, vendem-se em todas as tabacarias

A sociedade é uma guerra permanente entre as ideias e os interesses; as vitórias de momento são todas para os interesses; as vitórias definitivas são todas para as ideias.—EMILIO CASTELAR.



## Um apelo à solidariedade internacional

dirigido pela Federação da Construção Civil Francesa ao proletariado português a propósito dum conflito no Vale de Ossan

### COMUNICAÇÕES

S. U. da Construção Civil.—Comissão escolar.—Reuniu esta comissão, para apreciar o resultado do júri que classificou as cegadas exibidas no Salão Teatro. Constatou que o resultado foi o seguinte:

1.º prémio, 50\$00, conferido à cegada "Sombra que falam", de autoria de Avelino Martins.

2.º prémio, 30\$00, conferido à cegada Paiva.

3.º prémio, 20\$00, conferido à cegada "Episódio Sentimental", de autoria de Henrique Lagost;

4.º prémio, 15\$00, conferido à cegada "Moral", de autoria de Henrique Lourenço